



ENSAIOS EM PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA OU LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Papers in Portuguese
as a second or foreign language*

Ai que Nojo! – O Léxico Repulsivo na
Sala de Aula de PL2E: Por Que Não ?

Rosa Marina de Brito Meyer

Número 31

AI QUE NOJO! - O LÉXICO REPULSIVO NA SALA DE AULA DE PL2E: POR QUE NÃO?

Rosa Marina de Brito Meyer
rosameyer@puc-rio.br

RESUMO

Os vulgarismos devem ser incluídos no ensino de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)¹. No ensino de segundas línguas (L2s) em geral e, como não poderia deixar de ser, no de Português para Estrangeiros, já há algum tempo impera a crença de que o foco do processo de ensino-aprendizagem deve ser colocado na língua falada, com ênfase na modalidade verdadeiramente em uso, sem se desconsiderar, porém, a língua escrita. No entanto, se por um lado já se conseguiram grandes avanços no que tange a se evitarem umas tantas regras morfossintáticas que só cabem em textos escritos semiformais ou formais, pouco se avançou na questão do vocabulário. Apesar de alguns poucos autores já terem tratado do assunto, palavras consideradas, digamos, de mau gosto num contexto menos familiar, tais como *peido*, *bunda* e *fedor* – equivalentes às mais bem comportadas *gases*, *bumbum* e *mau cheiro* -, por exemplo, costumam ser ignoradas pelos livros didáticos e pelos professores. Sem serem alvo da interdição mais declarada que sofrem os palavrões, essas palavras são consideradas vulgarismos; a elas, propomos classificar como **palavras repulsivas**. Apagadas no processo didático do Português como Segunda Língua (PSL) e do Português como Língua Estrangeira (PLE), tornam-se então invisíveis àqueles aprendizes que não têm a chance de vivenciar a língua em situação de imersão. Por quê? Por que não trazê-las para a sala de aula? Que venha a aula nojenta!

Palavras-chave: PL2E, PSL, PLE; léxico; ensino de vocabulário; vulgarismos; palavras repulsivas.

OH HOW GROSS! - THE DISGUSTING LEXICON IN THE PL2/PFL CLASSROOM: WHY NOT?

ABSTRACT

Vulgarisms must be included in the teaching of Portuguese as a Second or Foreign Language (PL2/PFL). In the teaching of second languages (L2s) in general and, of course, Portuguese as a Second/Foreign Language, the belief that the focus of the teaching-learning process must be placed on the spoken language has dominated for some time, with emphasis on the modality indeed in use, without disregarding, however, the written communication. However, whereas, on the one hand, significant advances have already been achieved in terms of avoiding so many morphosyntactic rules that only fit in semi-formal or formal written texts, little progress has been made in the vocabulary issue. Although a few authors have already dealt with the subject, words considered, let's say, in bad taste in a less familiar context, such as fart, ass, and stink - equivalent to the best-behaved gases, butt, and bad smell -, for example, are usually ignored by textbooks and teachers. Without being the target of the most declared interdiction that swear words suffer, these words are considered vulgarisms, which we propose to classify as disgusting words. After being erased in the Portuguese as a Second Language (PSL) and Portuguese as a Foreign Language (PFL) didactic process, they then become invisible to those learners who do not have the chance to experience the language in an immersion situation. Why? Why not bring them to the classroom? Let the disgusting class come!

Keywords: PSL, PFL; lexicon; vocabulary teaching; vulgarisms; disgusting words.

¹ Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2E), sigla criada pela autora para designar a área no Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (PPGEL) do Departamento de Letras da PUC-Rio.

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

*Repara:
ermas de melodia e conceito
elas se refugiaram na noite, as palavras.
Ainda úmidas e impregnadas de sono,
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.*

Trecho de “Procura da Poesia”
Carlos Drummond de Andrade

Por experiência própria, de momentos desagradáveis que já vivemos, sabemos que há palavras que, apesar de não serem completamente interditas, ofendem – ou ao menos, como se diz vulgarmente, “doem nos ouvidos”. São os **vulgarismos**, e merecem toda uma reflexão sobre as condições que cercam o seu uso.

De acordo com o Dicionário de Português Online, a palavra “vulgarismo” significa:

- “1. Peculiaridade, condição ou postura do que ou de quem é vulgar; que demonstra vulgaridade;
- 2. Característica daquilo que é vulgar; do mesmo significado de vulgaridade;
- 3. Vocábulo ou expressão rude ou impolida;**
- 4. Palavra indecorosa ou sórdida; palavrão ou asneira;**
- 5. (Linguística) **Uso de uma linguagem que se opõe às regras formais de uso da língua.**” (Dicionário de Português Online². Grifo nosso, doravante g.n.)

Conforme a acepção 3. acima, vulgarismos são, portanto, palavras rudes ou impolidas; de acordo com 4., são indecorosos, sórdidos mesmo - ou seja, incluem alguma agressividade; e de acordo com 5., não cabem na modalidade formal de uso da língua. Podemos acrescentar, complementando, que, embora façam parte natural de um registro extremamente informal, familiar, soam desagradáveis num uso coloquial menos íntimo, incômodos na fala semiformal e absolutamente inadequados em contextos formais.

Neste ensaio, tratamos dos vulgarismos que, por evocarem sensações nojentas, provocam repulsa em quem os ouve. A esses elementos lexicais³ propomos chamar de **palavras repulsivas**⁴. Vamos então definir as palavras repulsivas como os itens lexicais do registro vulgar que têm referentes tomados como nojentos e que, quando usados em contextos menos vulgares, podem causar desconforto e, conseqüentemente, repulsa; diferenciam-se das palavras chulas, também características do registro vulgar, por não serem palavrões, ou seja, palavras interditas.

Registre-se que, embora tenhamos desenvolvido uma pesquisa não extensiva sobre o tema, não encontramos, em nenhum dicionário geral, palavras caracterizadas como “palavrão”; todas aparecem classificadas como “chula”, tal como as palavras que aqui estamos chamando de repulsivas. Parece que os dicionários se eximem de se comprometer com essa

² <https://www.lexico.pt/vulgarismo/> Acesso em 29/07/2020.

³ Neste ensaio utilizamos indistintamente os termos “palavra”, “vocábulo”, “item lexical” e “elemento lexical”, uma vez que diferenciá-los não apresentaria fator relevante para o assunto aqui tratado.

⁴ Termo cunhado e aqui proposto pela autora.

tênue fronteira. Há apenas alguns dicionários especializados, dicionários “de palavrões”, como Souto Maior (2007), que, por sua vez, muitas vezes incluem as palavras repulsivas, sem diferenciá-las porém dos palavrões. Parece-me que este seria um tópico muito fértil para os estudos da Lexicografia.

Pela sua natureza, as palavras repulsivas são carregadas de Carga Cultural Compartilhada (CCC) (GALISSON 1991), ou seja, elas evocam sensações de desprazer, de emoções negativas, e de crítica pessoal e social que são compartilhadas pelos falantes na cultura brasileira. Segundo Pedroso (1999), a palavra com CCC

“Está impregnada de subjetividade apesar da característica objetiva do signo, sendo que essa feição subjetiva é socialmente compartilhada, não individualizante como no caso da conotação.

(...)

Não raro, por se tratar da feição pragmática da língua, palavras com CCC não aparecem nos dicionários. Trata-se dos nomes próprios, palavras “feias” (tabus) ou alusões a elas, festividades, nomes de produtos, nomes populares da flora e da fauna, etc.”

Estamos então tratando de palavras “feias”, “tabus” ou “alusões a elas”, com CCC intensamente negativa. Apesar do desconforto que causam, elas estão aí no nosso cotidiano, sendo utilizadas muitas vezes em contextos nem tão íntimos, e com a intenção mais ou menos explícita de incomodar ou ofender seja o ouvinte, seja aquele de quem se fala.

Vejamos partes do post do conhecido site BuzzFeed sobre o técnico do time de futebol da Alemanha na Copa do Mundo de 2014:

“- Não é a primeira vez que Joachim Löw é flagrado em um jogo importante fazendo algo **nojento**. Em 2010, ele foi visto comendo **meleca** do nariz na Copa do Mundo.

- Na Eurocopa de 2012, mais uma vez ele foi visto fazendo algo estranho: na comemoração de um gol, ele inconscientemente deu uma conferidinha no cheiro do **sovaco**.

- Muita gente ficou no aguardo para que na Copa de 2014 ele repetisse **as nojeiras**.”⁵ (g.n.)

Ao registrar alguns dos estranhos hábitos do técnico alemão, tais como “comendo **meleca**” e “deu uma conferidinha no cheiro do **sovaco**”, o site os associa aos termos “**nojento**” e “**nojeiras**”. Destacam-se, nesta nojentice⁶ toda, as palavras *meleca* e *sovaco*, dois vulgarismos claros que, num ambiente menos crítico ou agressivo, poderiam ser substituídos por *secreção nasal* e *axila*, respectivamente.

Anúncios de TV, muito bem construídos para sempre seduzir e nunca agredir, preconizam que com o desodorante mega-ultra-blaster clareador você vai ficar com axilas muito mais limpas, secas e perfumadas, o que, claro, nunca poderia acontecer com sovacos: no imaginário coletivo, estes sempre são peludos, suados e fedorentos. Mas haveria alguma graça num bloco de carnaval chamado “Axila do Cristo”? De forma alguma: o conhecido bloco carioca tinha que se chamar “Suvaco do Cristo”⁷, o nome próprio redigido com “u” mesmo,

⁵ <https://www.buzzfeed.com/br/raphaelevangelista/pedimos-para-os-alemaes-explicarem-a-porquice-do-tecnico-de>. Acesso em 07/07/2020.

⁶ Precisei apelar para o neologismo, absolutamente necessário aqui, pois “nojeira” não se aplicaria.

⁷ Como todos os nomes de blocos cariocas, o nome é uma brincadeira, criado em referência ao lugar utilizado para os ensaios, no bairro do Humaitá, de onde se vê o Cristo Redentor por baixo, com os braços abertos.

homenageando a pronúncia típica do cariocês. O carnaval atual se constrói geralmente sobre a crítica, a transgressão, a sátira; o romantismo de colombinas e pierrôs anda meio em baixa na festa popular. E a transgressão momesca inclui a linguagem: nela, os vulgarismos abundam (perdoem a sugestão de trocadilho). Um turista desavisado que venha passar o carnaval no Rio pode, então, ao ouvir todos dizendo o nome do bloco com uma naturalidade carnavalesca, achar que *sovaco* tem o valor literal e conotativo de *axila*, o que definitivamente não é verdade. E entrar na perfumaria pedindo um produto para o sovaco. E, sem entender nada, tentar decifrar a expressão de constrangido espanto da atendente.

Trata-se de uma questão de interculturalidade (MEYER 2013), que ocorre na maioria das interações entre falantes de línguas diferentes oriundos de culturas diferentes. As interculturalidades podem não ter consequências mais graves, limitando-se a desentendimentos mais ou menos leves, muitas vezes facilmente sanáveis. Mas no caso das palavras repulsivas, assim como no dos palavrões, tendem a ser mais danosas, porque lidam com assuntos sensíveis, que evocam sensações desagradáveis e ofensivas.

Os exemplos acima mostram como os vulgarismos estão presentes na linguagem do dia a dia. E uma vez que os nossos alunos estão expostos a essas palavras na sua vida extraclasse, elas merecem a atenção de professores e pesquisadores de Português como Segunda Língua (PSL) e Português como Língua Estrangeira (PLE)⁸ (MEYER 2016).

Se aceitamos que as palavras, assim como as roupas, têm contexto adequado e inadequado de uso, temos que procurar identificar quais são as restrições que regem esse uso, e quais são os níveis de agressividade ou ofensividade a que podemos expor os nossos interlocutores. Observemos os seguintes enunciados:

1. Você botou desodorante? Você **não está cheirando bem**.
2. Você botou desodorante? Você **está cheirando mal**.
3. Você botou desodorante? Você **está com cecê**.
4. Você botou desodorante? Você **está com uma inhaca!**
5. Você botou desodorante? Você **está fedorento**.

Acredito que todos concordarão com a existência de uma gradação - do **menos ofensivo** para o **mais ofensivo** – nas frases 1 a 6, podendo haver alguma variação na ordem de algumas delas, devida a aspectos etários, sociais ou regionais; mas vamos assumir, aqui, que a gradação apresentada é aceitável. Dizer a alguém que (1) *não está cheirando bem* pode ser até um gesto de solidariedade, com a mensagem “Estou te avisando de algo que pode te prejudicar”. Já dizer que o outro (2) *está cheirando mal* inclui uma crítica explícita. Se alguém diz que o outro (3) *está com cecê*, está dizendo que está cheirando mal de uma forma mais vulgar, mais rude, demonstrando desagrado. Ao lermos o enunciado (4), podemos até ouvir a entonação característica deste tipo de crítica, que informa que o mau cheiro está incomodando bastante: *Você está com uma inhaca..!* – ao dar ênfase às duas sílabas sublinhadas e alongar o *a* final, o locutor demonstra o seu desagrado. Por fim, só se diz que alguém (5) *está fedorento* caso se queira ser francamente desagradável com o outro, ofensivo mesmo, em virtude do grande desconforto que o seu mau cheiro está provocando.

Os termos *cecê*, *inhaca* e *fedorento* trazem toda uma conotação de desagrado, uma ofensividade e até uma agressividade que não estão presentes, em princípio, em *não cheirar*

⁸ Entendemos, aqui, PSL como o Ensino de português a falantes de outras línguas em situação de imersão, e PFL como o ensino a aprendizes em países onde o português não é utilizado socialmente.

bem e cheirar mal. Os três primeiros são termos vulgares, cujo significado carrega em si mesmo esta carga negativa, enquanto as duas expressões seguintes são claramente amenizadoras, eufemísticas.

Precisamos, aqui, fazer uma pausa na exemplificação para pensarmos em alguns princípios linguísticos que regem esses vulgarismos.

O neurocientista, psicólogo e linguista Steven Pinker (2008) afirma que

“(…) apesar da variação segundo o tempo e o lugar, dá para dizer que a maioria das línguas do mundo, provavelmente todas, possui **palavras com forte carga emocional que não devem ser usadas em conversas polidas.**”
(PINKER 2008, p. 376, g.n.)

Observe-se que Pinker, um linguista da cognição, ressalva que as condições de emprego das palavras com forte carga emocional estão condicionadas pelo tempo e lugar de uso. Ou seja, palavras como, por exemplo, *xexelento* podem ser usadas sem causar espécie num contexto bem informal, familiar (Filha para a mãe: - *Vou jogar fora esta sandália, já está xexelenta*), porém podem causar constrangimento se empregadas num outro contexto mais formal (Secretária para a chefe: - *Vou jogar fora este arquivo, já está xexelento*).

Podemos relacionar, então, o uso das palavras repulsivas com os conceitos de **casa** e **rua** de DaMatta (1984, 1987, 2004). Entendidos como os espaços simbólicos em torno dos quais funciona a sociedade brasileira, a **casa** representa o espaço das relações familiares, íntimas, onde há tolerância, compreensão e cumplicidade, enquanto a **rua** compreende o espaço das relações sociais, de trabalho, onde existe competitividade e agressividade. Ora, se por princípio na **casa** há entendimento, há então mais liberdade para o uso das palavras repulsivas sem que elas causem espécie; já na **rua** essas palavras soam agressivas, dado o distanciamento (WIERZBICKA 1991) característico das relações interpessoais nesse espaço.

Da mesma forma, palavras que num momento histórico são ofensivas, num outro tempo podem estar incorporadas ao cotidiano. A palavra *sacanagem*, que na maior parte do século XX era um ofensivo palavrão significando *ato libidinoso* (*Eles foram presos porque estavam de sacanagem no carro*), passou a suavizar-se no final do século, talvez a partir da década de 80; hoje incorporou-se ao uso geral significando *maldade, deboche* ou até mesmo uma inocente *brincadeira*, de tal forma que em certos contextos sequer se recupera o significado original (Irmão depois de implicar com a irmã: - *Não fica chateada não, eu estou só de sacanagem com você*). É o caso, também, da interjeição *Ora-Bolas!*: “**Ora-Bolas!** Expressão considerada *palavrão*, nome feio, até certo tempo, quando, na linguagem popular, *bolas* significavam testículos. Atualmente é uma interjectiva a todos permitida e que exprime desagrado, revolta, chateação.” (SOUTO MAIOR 1980, p. 87). Outros exemplos dessa transição de palavras e expressões tabus ou interditas para plenamente aceitas seriam: de saco cheio, puxa-saco, porrada, ?pentelho/pentelhar?, ??Que merda!??, ???Tô puto!???, os pontos de interrogação aí expressando que essa aceitação pode ainda não ser tão plena quanto as demais. Mas, como não pretendemos estender essa pesquisa aos palavrões, vamos deixá-los por aqui.

Na mesma linha de Pinker, Allan e Burrige (2006, p. 36) afirmam: “O que é polido é pelo menos inofensivo e, no melhor dos casos, agradável para uma audiência. **O que é ofensivo é impolido.**” (g.n.) Logo, em consonância com o verbete “Vulgarismo” do Dicionário de Português Online e as demais abordagens acima, podemos afirmar que as palavras repulsivas são impolidas.

Como se vê, estamos lidando com o conceito de polidez, bastante controverso na sociedade nos dias de hoje – porque parece que as mídias sociais se especializaram em consagrar a falta de polidez, tal o nível de agressividade que as permeia. Uma coisa é nós, linguistas, pensarmos na polidez no discurso, no ritual da conversa verbal como forma de preservação da face (GOFFMAN 1985; BROWN e LEVINSON 1987); outra coisa é nós, cidadãos, pensarmos na polidez como comportamento social, como gestos de atenção e solidariedade para com o outro (GRICE 1975). Na sociedade brasileira, nem sempre é preciso usar as fórmulas verbais de polidez esperadas em situações específicas: *por favor, com licença, não tem problema* etc. Como já publiquei em outros textos, muitas vezes variados recursos substituem o verbal nessas interações, como, por exemplo: a combinação da expressão *dá para* com a prosódia específica de pedido pode substituir um *por favor (Dá para você me ajudar // a completar este formulário?)*; um leve toque no braço pode representar um *com licença*; um abanar de mão pode representar um *muito obrigado* (MEYER 2002). Todos esses recursos podem querer dizer ainda que está tudo certo, *não tem problema*.

O outro lado da moeda, a impolidez (CULPEPER 2010; 2011), é simetricamente relevante: o impolido não leva em conta a preservação das faces envolvidas na conversa, ou seja, seus atos – verbais e não verbais - podem significar que ele não se importa em estar ou não desagradando o outro, mas também podem representar uma intenção explícita de ofender. Isso pode acontecer, por exemplo, quando uma pessoa fala perto demais da outra ou quando um indivíduo conversa tocando insistentemente o braço ou o ombro do outro, assim ultrapassando a zona de conforto espacial do seu interlocutor (HALL 1971). Da mesma forma, pode ser considerado impolido persistir num assunto que o outro procurou evitar, ou usar a forma de tratamento inadequada para as relações interpessoais dadas – chamar um superior de *tu* na região Sudeste do Brasil, por exemplo (MEYER 2004).

Nesse cenário, certamente se situa, então, a escolha das palavras a serem usadas – ou não - numa conversa. Diz Marcos Bagno (BAGNO 2007, p. 129-130):

“Então vale tudo? Não é bem assim. Na verdade, em termos de língua, *tudo vale* alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. E usar palavrão? A mesma coisa.”

Podemos acrescentar: E as palavras repulsivas? A mesma coisa. Tem hora e lugar para se poder usá-las sem infringir as regras de boa convivência, sem ultrapassar os limites da impolidez. Vamos imaginar a situação: situemo-nos em plena quarentena de COVID-19, drama que nos acometeu a todos neste malfadado ano de 2020, mantendo todos confinados em casa por meses a fio. Marido e mulher planejam jantar fora – na varanda, que é o mais fora onde podem chegar. Comidinhas especiais na mesa, espumante no balde de gelo, a noite promete! Mas alguma coisa não está certa. Disfarçadamente, a mulher cheira o ar, procurando a origem do desconforto. Será o queijo, mal escolhido? Ou será que a água da flor está velha? Ou será que... “Já sei!” É a roupa do marido, sofrendo dos tantos meses esquecida num armário com mofo. O que ela diz? Um sugestivo e subliminar “– Querido, essa nossa roupa está tão desconfortável! Vamos botar uma roupa mais à vontade?” Ou um franco e direto “– Querido, essa sua roupa está **morrinhenta**. Vamos botar uma roupa mais cheirosinha?” A primeira opção, claro, porque não há a menor possibilidade de romance com a palavra *morrinhenta* pairando no ar. Dependendo do contexto, palavras nojentas são verdadeiros tabus.

“Tabu é a proibição ou *evitação*, em qualquer sociedade, de comportamento entendido como prejudicial aos seus membros na medida em que lhes causaria ansiedade, embaraço, ou vergonha.” (WARDHAUGH 1986 apud Gao 2013, p. 2310)

Um marido envergonhado não será nunca um amante apaixonado. Uma palavra nojenta enunciada é como um grito parado no ar: só se ouviu aquilo, o resto se esvai no desconforto instaurado.

Apesar dessa interdição, as palavras repulsivas nos cercam no dia a dia. São inúmeras as situações de comunicação em que elas podem ser encontradas, e passamos a elencar algumas delas abaixo.

Nas páginas policiais, por exemplo, elas são frequentes.



Enquanto o “Paulinho Chulé”, foragido da Penitenciária de Maringá, é capturado em Cianorte, o “Cagado” é dado como morto. É preciso ter sensibilidade para a negatividade das palavras nojentas para se entender a profundidade da rejeição que um indivíduo alcunhado “Chulé” ou “Cagado” pode causar. Aparentemente, este é um recurso utilizado – possivelmente, de forma inconsciente, mas efetiva – pelo mundo do crime, para provocar na comunidade em que se entocam o reconhecimento da sua periculosidade e, conseqüentemente, a almejada submissão. São comuns apelidos como Sovação, Melecão e Xexéu, entre outros.

Da mesma forma, e ainda na arena policial, essas palavras podem ser encontradas nos respectivos documentos oficiais. A sentença abaixo, da Comarca de Três Rios do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, refere-se não ao “Melecão”, mas ao “Tião Meleca”⁹:

Sentença

Aos 30 dias do mês de abril do ano de 2013, às 12:30h na sala de audiências deste Juízo, presentes se encontravam a MMª. Juíza ANA CAROLINA GANTOIS CARDOSO e o ilustre membro do Ministério Público Dr. VINICIUS RIBEIRO. Ao pregão respondeu o acusado, acompanhado dos seus advogados. Foram ouvidas 04 testemunhas, sendo ao final realizado o interrogatório do réu. Pelo Ministério Público foi dito em Alegações Finais: O MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, através do Promotor de Justiça que esta subscreve, vem, perante esse r. Juízo, com espeque no art. 403, § 3º, do Código de Processo Penal, apresentar suas ALEGAÇÕES FINAIS, nos seguintes termos: Trata-se de denúncia oferecida pelo Ministério Público em face de CARLOS AUGUSTO FRANCISCO, vulgo “Tião Meleca”, na qual lhe é imputada a prática da infração penal tipificada no artigo 33, caput, da Lei 11.343/06. As principais peças constantes dos autos são: Denúncia (fls. 02/03); Auto de prisão em

Ainda no campo das informações, encontramos palavras nojentas também na literatura da área da saúde (!), claramente com a intenção de atingir o público geral, não especializado:

“Transpirar é normal: no calor, o corpo produz suor para refrescar e regular sua temperatura. Mas quando esse suor vem acompanhado de um odor desagradável, como **chulé** e **cecê**, é um aviso de que há algo errado nos pés e axilas.” (Viver Bem e Saúde, Gazeta do Povo)¹⁰

Num campo menos objetivo, embarcamos na linguagem poética. E aí, também, as palavras repulsivas se fazem presentes, embora não tão assiduamente quanto na crônica policial. Vejamos a seguinte letra de música:

Uma Arlinda Mulher¹¹
(Mamonas Assassinas)

Te encontrei
Toda **remelenta** e **estronchada** num bar
Entregue às bebida
Te cortei os cabelos do **suvaco** e as unhas do pé
Te chamei de querida
Te ensinei todos os auto-reverse da vida
E o movimento de translação que faz a Terra girar
Te falei que era importante competir
Mas te mato de pancada se você não ganhar

As palavras “remelenta”, “estronchada” (*estrunchada*) e “suvaco” são utilizadas para dar a ideia de quão largada na vida estava a mulher quando foi encontrada; são palavras nojentas utilizadas exatamente para criar a percepção de quão repugnante essa mulher seria antes de ser transformada – e, daí em diante, não são mais usadas palavras repulsivas.

Da mesma forma, no teatro musical essas palavras podem aparecer, como na canção abaixo, da peça Hairpray Brasil. Claro que aqui, como no exemplo anterior, as letras refletem situações de crítica, de observação extremamente negativa em relação a uma determinada personagem:

Xexelenta¹²
(Hairspray Brasil)

Elas vieram de algum lugar
No rosto dela começaram a brotar
(Tanta espinha)
Assim, eu nunca vi
(É gordinha)
Ah, não me façam rir
Bruxa feia, que baleia, tem bronquite, celulite
- Força! Prontos! Vamos acabar com ela!
Na escola ela é chamada tribufu
(**Xexelenta**)

¹⁰ <https://www.gazetadopovo.com.br/viver-bem/saude-e-bem-estar/diminuir-o-cheiro-de-chule-e-cece/>
Colhido em 04/12/2018

¹¹ <https://www.letras.mus.br/mamonas-assassinas/24152/> Colhido em 30/11/2018

¹² <https://www.letras.mus.br/hairspray-brasil/1716949/> Colhido em 04/08/2020

E na cabeça ela ostenta um tatu
(Piolhenta)
 Ah, quando anda é um macaco
(Fedorenta, meu Deus)
 E tem pelos no **sovaco**
 Gorda, boia, jaburu
 É um horror, é um **fudum**
 Ela é um animal, e tudo é artificial
 Numa jaula se criou e a mãe é uma baleia que encalhou
 - E aí gostou?

Apesar de a literatura tradicionalmente se esquivar das palavras chulas, usando outras construções léxicas para evocar os mesmos referenciais e as mesmas noções¹³, na ficção essas palavras têm algum lugar especialmente nos diálogos, nos nomes de personagens, nas descrições de situações:

“Mas o Algemiro já puxara o freio de mão e se precipitara para a rua atrás do **Budum Filho**, filho do **Budum Pai**, bicheiro e mau-caráter. Os turistas pularam dos bancos para acompanhar a perseguição. Em minutos o Algemiro voltava com o **Budum Filho** pela nuca.” (VERÍSSIMO 2001, p. 91-95, g.n.)

O apelido “Budum” dá a ideia de que o homem seria fedorento, criando um contexto desagradável para o “bicheiro e mau-caráter”, cujo apelido haveria de ser, obviamente, uma palavra repulsiva com forte CCC negativa.

Na televisão aberta, essas palavras foram interditas por muito tempo, talvez até o final do século XX. Ainda hoje, elas não estão presentes nos discursos de apresentadores de programas de entrevistas, âncoras de telejornais, ou comentaristas políticos. Na ficção, no entanto, tanto na teledramaturgia quanto no humor, elas foram sendo incorporadas aos poucos, uma vez que há a clara preocupação dos autores em reproduzir, tão fielmente quanto possível, o uso corrente da língua no momento histórico da exibição dos episódios.

Na novela “Fina Estampa”, exibida pela Rede Globo de Televisão em 2011-2012, de autoria de Aguinaldo Silva e direção de Wolf Maya, uma personagem fez imenso sucesso junto ao público: Crô (interpretado por Marcelo Serrado), o afetado fiel escudeiro da milionária vilã Teresa Cristina (interpretada por Cristiane Torloni). O diálogo abaixo ocorre no capítulo apresentado em 19/08/2020 como parte da Edição Especial, quando uma versão condensada da novela foi exibida por ocasião da pandemia de COVID-19:

“Teresa Cristina desconfia que Griselda, sua desafeta e nova milionária da loteria, planeja organizar uma festa para o casamento da filha, Amália. Subentende-se que ela pede confirmação disso ao Crô.

Crô: - Claro que vai! Imagina se a babuína Griselda vai perder a chance de montar aqui no condomínio um pagode de suar o **sovaco** do povo?

Teresa Cristina: - Hummm... Então vai ter pagode?

Crô: - Mas é claro! Embora ela esteja rica, minha rainha, bom gosto é uma coisa que o dinheiro não compra.

Teresa Cristina: - E o dela sempre será de pobre. Aliás, de pobre paupérrima.

Crô: - Portanto, divina Isis, vai esperando pelo pior. A noiva usando maquiagem marcada de vendedora de loja de mercadorias; corre-corre de crianças na igreja; vestidos cafonas alugados; sobre as mesas vasinhos com margaridas cravadas na argila, que serão disputados a tapa no fim da festa; filmagem de quinta categoria,

¹³ Comentário da Profa. Teresa Cristina Meirelles de Oliveira (UFRJ), inédito.

com aquela câmara nervosa, indo de mesa em mesa acompanhar a noiva cumprimentar as pessoas; os bêbados dançando com a gravata amarrada na cabeça; e o *gran finale*, um cardápio sensacional, né: estrogonofe, cerveja, refrigerante, cajuzinho... Ai, não, para! Eu enjoei...

Teresa Cristina: - Eu também!¹⁴

O todo do diálogo demonstra que ambas as personagens entendem, preconceituosamente, que tudo o que vem da Griselda é de mau gosto, em virtude da sua origem humilde (“Embora ela esteja rica, minha rainha, bom gosto é uma coisa que o dinheiro não compra”). E, nesse contexto, cabem maquiagem de baixa qualidade, comportamentos inadequados, cardápio simples e, claro, sovacos.

Da mesma forma, na crítica televisiva, as palavras nojentas passam a aparecer, na medida em que refletem o contexto dos programas comentados. Sobre a novela “Amor à Vida”, exibida também pela Rede Globo de Televisão em 2013-2014, de autoria de Walcyr Carrasco e direção também de Wolf Maya, lê-se:

O desmoronamento de Félix (Mateus Solano) está aumentando a audiência da novela “Amor à Vida”, da Globo. O capítulo do último sábado (23), em que o vilão teve que dormir em um hotel **xexelento**, com baratas, marcou 35,6 pontos na Grande São Paulo. (TV Foco, s/d)¹⁵

Já a internet, território livre de todo tipo de manifestação verbal, está repleta de ocorrências dessas palavras. Registremos o caso do portal Porta dos Fundos, com mais de 16 milhões de inscritos (em 17/08/2020) e de tamanho sucesso nacional e internacional que passou a ter todos os seus episódios postados com legendas em inglês, espanhol e, muitas vezes, outras línguas. Dele, recuperamos o episódio “Bafo”¹⁶, que se inicia com o seguinte diálogo:

“- Esse jogo tá ruim né?
 - Sérgio? ‘Cê tem **bafo**.
 - Do que você tá falando?
 - Do seu **bafo**. Do cheiro **podre** que sai da sua boca.
 - Quê???
 - É isso aí! ‘Cê tem um **bafo de merda**, Sérgio.
 - Mas ‘cê diz isso hoje?
 - Eu digo isso há décadas. Desde que eu te conheci parece que você **mastigou o cu de um camelo**, Sérgio.
 - (Botando a mão na frente da boca e dando uma baforada) Eu não estou sentindo isso.
 - É porque você já está acostumado, Sérgio.”

Há, no diálogo acima, um crescimento da tensão instaurada pela agressividade presente na afirmação “‘Cê tem **bafo**”, passando por uma intensificação do mau cheiro, de “bafo” para “cheiro **podre**”, e chegando à agressão máxima com o uso de um palavrão: “...parece que você mastigou o **cu** de um camelo”. Quanto ao desfecho da cena, deixo aos leitores o prazer de assisti-lo no próprio canal.

¹⁴ Transcrição nossa.

¹⁵ <https://www.otvfoco.com.br/pesadelo-de-felix-em-hotel-xexelento-aumenta-em-20-audiencia-de-amor-a-vida/> Colhido em 03/08/2020. Transcrição: legendas do vídeo.

¹⁶ https://www.youtube.com/watch?v=4ukpG_iPx1Q Colhido em 04/08/2020.

Estamos, portanto, lidando com a tênue fronteira entre o reles mau gosto e a mais despudorada ofensa. Mas como determinar o grau de agressividade, de ofensividade de cada palavra repulsiva?

Carretero (2011, p. 11) nos oferece uma preciosa caracterização quando cria a seguinte escala para categorizar as palavras tabu ofensivas:

- a) Muito ameaçadoras
- b) Ameaçadoras
- c) Pouco ameaçadoras
- d) Nada ameaçadoras

Coerentemente com essa escala, propõe ainda que as palavras ofensivas são usadas com os seguintes objetivos:

- (i) Atacar a imagem do destinatário
- (ii) Expressar o estado de humor do emissor
- (iii) Chamar a atenção
- (iv) Unir os membros de um grupo

A proposta de Carretero (2011) abre um viés operacional para a caracterização do uso das palavras repulsivas. Não é difícil percebermos que elas dificilmente se encaixariam no grupo das “muito ameaçadoras”, mas facilmente as percebemos como empregadas para “atacar a imagem do outro”. E como estamos navegando pelas águas conturbadas da intimidade e da subjetividade, precisamos ressaltar, mais uma vez, que as palavras que aqui chamamos de nojentas terão diferentes graus de ofensividade para diferentes grupos – etários, regionais, sociais etc.

Para além das diferenças dialetais, podemos perceber gradação em alguns conjuntos de palavras nojentas. Por exemplo, em

glúteos – nádegas – bumbum – traseiro – bunda
- ameaçador ----- + ameaçador

se transita do “nada ameaçador” para o “mais ameaçador”, sendo verdadeiramente ameaçadora apenas a palavra *bunda*, enquanto as demais se diferenciam em termos de dialeto, progredindo do familiar (*traseiro, bumbum*) ao técnico (nádegas, *glúteos*). Há outras palavras que poderiam ser acrescentadas à direita, ainda mais ameaçadoras do que *bunda*, como *rabo*; mas aí estaríamos, de novo, adentrando o terreno dos palavrões, o que se está evitando neste ensaio.

Aqui podemos retomar os conceitos simbólicos de **casa** e **rua** de DaMatta (1984, 1987, 2004) e relacioná-los aos polos – e + **ameaçador** de Carretero. Se, como vimos anteriormente, há mais tolerância para o uso das palavras repulsivas na **casa**, isso significa que nesse espaço elas têm um grau baixo, ou inexistente, de ofensividade e tendem, portanto, a serem - **ameaçadoras**. Já no espaço da rua, tendem a ser + **ameaçadoras**. Isso mostra que os graus de ofensividade não são inerentes às palavras, mas derivam da combinação **palavra + contexto de uso** (LYONS 1995).

Podemos, por exemplo, imaginar as seguintes situações com a palavra *chuleplento*:

1. A mãe brinca com o seu bebê de dois anos no colo. Junta os pezinhos com a mão, cheira-os, e diz, sorrindo e balançando-os: - *Ai, que pé **chuleplento**!* Ao que o menino, sentindo o carinho da mãe, cai na risada. Isso se repete *ad infinitum*, como soe acontecer com brincadeiras com crianças pequenas. Temos, aí, claro, um caso de palavra repulsiva **nada ameaçadora**, cujo emprego teve a clara intenção de **expressar o estado de humor do emissor**

– no caso, a demonstração de amor e carinho. E o que determina esta falta de ofensividade é exatamente o contexto.

2. A mãe está na sala quando o filho adolescente chega do treino de futebol e tira as chuteiras assim que entra em casa. Ela reage imediatamente: - *Ai, que pé **chulepento!*** Ao que o menino responde: - *O que você queria? 'To vindo do treino.* A resposta malcriada do filho mostra que a palavra repulsiva foi utilizada, nesta cena, de forma nem tão leve, mas também nem tão agressiva; foi uma reclamação sem maiores consequências. Seria, portanto, **pouco ameaçadora**, e foi sentida como visando a **atacar a imagem do destinatário**.

3. A mulher está toda bem arrumada e perfumada numa sala de espera de clínica médica onde estão mais duas pessoas. Entra um homem meio mal arrumado, meio sujo, e imediatamente tira os sapatos, como que para descansar os pés. O cheiro é insuportável. A recepcionista, vendo o incômodo causado, pede que ele se recomponha e calce os sapatos. Ele faz cara de paisagem e não se mexe. A mulher, bastante incomodada e impaciente, desinibidamente vira para ele e diz, com a voz alterada: - *Ai, que pé **chulepento!*** Todas as demais pessoas, apesar de espantadas com a observação pouco usual, acenam concordando com a iniciativa. O homem, vexado, se calça, sai e não volta mais. Aqui temos um caso claro de palavra repulsiva usada de forma **ameaçadora**, utilizada para expressar todas as opções listadas por Carretero (2011): **atacar a imagem do destinatário**, **expressar o estado de (mau) humor do emissor**, **chamar a atenção do enunciatário**, e **unir os membros de um grupo** (contra o fedorento).

4. A esposa e o marido estão numa DR¹⁷ acalorada; o casamento está em vias de acabar. Ela acusa ele disto e daquilo, ele acusa ela daquilo outro e muito mais. Depois de horas de acusações mútuas, ela desabafa aos gritos: - *Seu... seu... seu **chulepento!*** O marido entende o recado e desiste; pega uma muda de roupas e vai embora. A palavra *chulepento* claramente foi usada, aqui, apenas com o intuito de ofender; provavelmente, a esposa sequer queria dizer que os pés do marido cheiram mal: ela queria dizer que a presença dele é desagradável, que ele a incomoda tanto quanto um pé malcheiroso. E ele entendeu a mensagem, e se escafedeu porta afora. Temos, então, um caso de palavra repulsiva usada de forma **muito ameaçadora**, com a intenção de **atacar a imagem do destinatário** e **expressar o estado de humor do emissor**.

Contexto (MEYER 2013). Assim como os palavrões, as palavras repulsivas podem provocar diferentes sentimentos e reações de acordo com o contexto em que são utilizadas. Uma mesma palavra pode demonstrar carinho num contexto de conversa, e ofensa em outro. Aí é que mora o perigo para os aprendizes de PSL/PLE, porque eles, após ouvirem uma palavra usada de forma agressiva em um contexto, podem não perceber um uso carinhoso em outro contexto, e vice-versa. Por isso, defendemos aqui a necessidade de as palavras repulsivas serem abordadas em sala de aula.

Mas, afinal, que palavras são essas? Existem muitas ou poucas no português do Brasil? Quais são elas? O que evocam?

Uma coleta aleatória das palavras repulsivas nos permite propor cinco campos semânticos nos quais elas são encontradas, conforme a tabela abaixo. É possível que outros campos semânticos possam vir a ser identificados em trabalhos futuros, assim como certamente haverá, em cada campo semântico aqui apresentado, outros vocábulos a serem

¹⁷ Sigla popularizada para “Discutir a relação, discussão da relação”, significando as longas discussões entre casais, vistas estereotipadamente como preferidas pelas mulheres e detestadas pelos homens.

acrescentados. Vejamos, portanto, esta listagem como uma primeira abordagem, como um esboço de glossário aberto a atualizações.

Palavras repulsivas: esboço de glossário ¹⁸				
Partes do corpo humano	Excrementos	Odores	Doenças	Críticas
bunda	cocô	fedor / fedorento	hemorroida	xexelento
sovaco	mijo / mijar	cecê	frieira	nojento
ventas	títica	inhaca	piolho / piolhento	bebum
tetas	cagada / cagar	catinga	sarna / sarnento	pinguço
	caganeira	morrinha / morrinhento	pereba / perebento	bundão
	arroto / arrotar	chulé / chulepento		bunda mole
	remela	bafo		piranha
	ranho	xexéu		
	peido / peidar	fudum		
	vomitado	bodum		

O campo semântico **Partes do corpo humano** inclui palavras que referenciam partes consideradas vexatórias do corpo: *bunda*, *sovaco* etc. Conforme afirmamos em outros momentos deste texto, não incluímos aqui termos vulgares referentes aos órgãos sexuais, pois esses geralmente são palavrões, e entram, portanto, em um nível bem mais alto de ofensividade e de interdição do que o abordado aqui.

O campo semântico **Excrementos** nos leva, obviamente, ao terreno da escatologia, bem rejeitado nas rodas de conversa. Ele parece ser, no entanto, bastante presente no discurso masculino quando conversam informalmente homem-homem, sendo raro na conversa homem-mulher, e parecendo ausente na conversa mulher-mulher. Temos aí, então, um interessante tópico para os estudos da linguagem de gênero, onde teria grande relevância a observação do uso desses vocábulos também em contextos LGBTQI+.

O campo semântico **Odores** fica num meio caminho em relação à escatologia, sempre significando cheiros desagradáveis: *cecê* e *morrinha* podem ser considerados fruto de excrementos? Talvez. Mas e *bafo* e *chulé*? Difícilmente. Sabe-se que a reação aos odores é culturalmente condicionada: o cheiro de corpo, por exemplo, é considerado natural e mesmo excitante em alguns grupos sociais, enquanto é absolutamente rejeitado em outros. Mas como estamos lidando, aqui, com a língua e cultura brasileiras, vamos considerar os odores aqui referenciados como desagradáveis, e as palavras listadas como repulsivas.

O campo semântico **Doenças** inclui as doenças vexatórias, que ninguém quer admitir publicamente que tem: *hemorroidas*, *sarna*. Curiosamente, em estações abertas da TV brasileira dirigidas a um público de menor poder aquisitivo, as classes C e D, há uma profusão de anúncios de medicamentos para essas doenças. Resta saber se esses anúncios são recusados pelas estações dirigidas às classes A e B, ou se houve mesmo uma escolha dos fabricantes e agências em veiculá-los apenas naquelas redes televisivas, assumindo estereotípica e preconceituosamente que essas são doenças “de pobre”. De todo modo, a exposição frequente à menção dessas doenças forçosamente desenvolverá menor desconforto e maior tolerância para com elas – e, conseqüentemente, as palavras que as referenciam tenderão a deixar de ser tão repulsivas.

O campo semântico **Críticas** apresenta uma visão negativa da aparência ou do comportamento do outro. Enquanto *xexelento* e *nojento* significam repulsa à aparência, *bebum* e *piranha* criticam comportamentos.

¹⁸ Como afirmamos acima, não incluímos aqui termos referentes à sexualidade - órgãos sexuais, doenças sexualmente transmissíveis etc. -, uma vez que estes, na sua maioria, podem ser considerados palavrões, um tipo de palavras ofensivas de que não tratamos neste ensaio.

Todas as observações acima, incluindo o glossário, nos levam, então, à constatação de que, de fato, as palavras repulsivas estão presentes no nosso cotidiano, de forma mais extensa e intensa do que pensaríamos a princípio. Logo, elas devem merecer a atenção dos professores de PSL e PLE. “Compreender que palavras chulas têm diferentes níveis de ofensividade é relevante para [o aprendiz de L2] ser capaz de identificar uma agressão verbal.” (FINN 2017, p. 21, t.a.)

Espero ter ficado claro que as palavras repulsivas devem ser incorporadas aos conteúdos programáticos das aulas de PSL/PLE. Apenas como contribuição para a área, propomos abaixo então quatro atividades que poderiam ser desenvolvidas com alunos intermediários. Não pretendemos que essas sejam as únicas atividades possíveis; certamente, a criatividade dos professores da área haverá de elaborar atividades muito mais eficazes e originais. Mas, por enquanto, vamos considerar as seguintes:

A. Relacione as colunas:



Pode-se usar sempre

1. Mau cheiro do pé
2. Mulher de comportamento condenável
3. Homem frequentemente bêbado
4. Dor de barriga
5. Homem covarde



Deve-se usar com reserva

- () pinguço
- () caganeira
- () chulé
- () bundão
- () piranha

B. Como dizer as frases abaixo de forma polida?

1. Esse cara é muito nojento. _____
2. O seu lixo está fedendo. _____
3. Eu estou com bafo? _____
4. O banheiro está todo mijado. _____
5. Gente que tem cecê no sovaco é insuportável. _____

C. Crie dois diálogos em que você reclama de uma roupa mal lavada. Use as palavras do quadro, escolhendo quais são adequadas a cada diálogo.

morrinhenta - malcheirosa // suja - xixelenta

1. Diálogo: você reclama com a sua irmã/o seu irmão, que foi quem lavou a roupa.
 Você: _____
 Resposta: _____
 Você: _____
2. Diálogo: você reclama com a dona da lavanderia onde você levou a roupa para lavar.
 Você: _____
 Resposta: _____
 Você: _____

- D. Imagine que você está chegando em casa tarde da noite, vira a esquina e dá de cara com uma situação ameaçadora. **Mande uma mensagem de WhatsApp para o seu amigo, pedindo ajuda. Use os emojis e as palavras abaixo, e outras que você ache necessárias, na ordem que preferir.**

 - pinguço - perebento - fedor - 



Todo professor de línguas sabe que precisa ensinar vocabulário. Mas o que é ensinar vocabulário? Aí é que mora o perigo. A maioria tem uma ideia vaga de que seria ensinar palavras - listas de palavras como as cores, as frutas, as peças do vestuário etc., numa abordagem centrada nos substantivos e adjetivos. Outros, mais atentos, entendem que estas listas de palavras podem ser construídas de acordo com a situação de uso: no aeroporto, no transporte público, no restaurante, no supermercado etc., já incluindo verbos e advérbios. Poucos percebem que o ensino do vocabulário poderia – deveria? – ser construído a partir de categorias semântico-discursivas: palavras de apresentação, de pedido de ajuda, de expressão de vontade, de elogio, de reclamação, por exemplo. E todos nos escusamos de lidar com ideias – e, portanto, palavras – disfêmicas, aquelas que provocam desconforto no ouvinte, como as de agressividade e de ofensa, e aquelas que evocam sensações desagradáveis, como a raiva ou o nojo. Mas elas estão aí, no nosso cotidiano, não há como negar.

Por esse motivo, destacamos, neste ensaio, a necessidade de se ensinarem as palavras a que nomeamos de repulsivas, banidas quase por completo das atividades pedagógicas de PSL/PFL. Gostemos ou não delas, e do que denotam e conotam, precisamos admitir que fazem parte do nosso cotidiano e que, portanto, o nosso aluno vai inexoravelmente se deparar com elas; e é melhor que isso aconteça no ambiente controlado e elucidativo da sala de aula do que nas situações imponderáveis do dia a dia. Introduzi-lo às palavras repulsivas significa permitir-lhe um maior envolvimento na sociedade brasileira, pois elas vão torná-lo um falante mais consciente e mais bem aparelhado para as situações de conflito que eventualmente poderá vir a enfrentar. Ao dominar as palavras repulsivas, o aprendiz de português do Brasil terá a chance de reagir adequadamente a uma ofensa – e poderá também ofender na medida certa, se e quando assim o desejar.

Então, que venha a aula nojenta!   

Referências bibliográficas

- ALLAN, K., & BURRIDGE, K. *Forbidden Words. Taboo and the Censoring of Language*. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.
- BAGNO, M.. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2007.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness some universals in language usage*. London: Cambridge. 1987.
- CARRETERO, C. S. "Insultos y expresiones malsonantes en la clase de ELE". In: redELE - Revista Electrónica de Didáctica del Español Lengua Extranjera. Año 2011, No. 23.
- CULPEPER, J.. "Impoliteness events: Functions". In: *Impoliteness: Using Language to Cause Offence*. Cambridge: Cambridge University Press. 2011.
- _____. "Conventionalised impoliteness formulae". *Journal of Pragmatics*, 42. 2010.
- DAMATTA, R. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco. 2004.
- _____. *A casa & a Rua*. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987.
- _____. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco. 1984.
- FINN, E. (2017). "Swearing: The good, the bad & the ugly". In: *ORTESOL Journal*, vol. 34.
- GAO, C. (2013). "A Sociolinguistic Study of English Taboo Language". In: *Theory and Practice in Language Studies*, vol. 3, no. 12, December 2013. Finland: Academy Publisher. p. 2310.
- GALISSON, R. *Quand la didactologie/didactique des langues étrangères redécouvre les cultures..* In: **De la Langue à la Culture par les Mots**. Paris: CLE International, 1991.
- GOFFMAN, E.. *A representação do eu na vida cotidiana*. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes. 1985.
- HALL, E. T. "The Paradox of Culture," in: B. Landis and E. S. Tauber (Eds.): *In the Name of Life. Essays in Honor of Erich Fromm*, New York (Holt, Rinehart and Winston). 1970.
- LYONS, J. *Linguistics Semantics: An introduction*. Cambridge: Cambridge UP. 1995.
- MEYER, R. M. de B. "Estudos em PL2E no Brasil: trajetórias e tendências". In: (RIBEIRO, A. do A. (Org.). *Ensino de Português do Brasil para Estrangeiros: internacionalização, contextos e práticas*. Rio de Janeiro: epublik. 2016.
- _____. "Para o bem ou para o mal: a construção de identidade pelo falante de PL2E a partir de estereótipos de brasilidade – uma questão intercultural". In: MEYER, R.M. de B.;

ALBUQUERQUE, A. (Orgs.). *Português para Estrangeiros: questões interculturais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. 2013.

_____. "Cultural, multicultural, intercultural: o português como segunda língua para estrangeiros". In: *Matraga*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Vol. 20, no. 32. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2013.

_____. "Should I call you a senhora, você or tu? – Dificuldades interacionais de falantes do inglês aprendizes do português do Brasil. In: _____. (Org.) *revista paZavra*. No. 13. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC-Rio; Edições Galo Branco. 2004.

_____. "Cultura brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade". In: CUNHA, M.J.C; SANTOS, P. *Tópicos em português língua estrangeira*. Brasília: Editora UnB. 2002.

ORSI, V. "Tabu e preconceito linguístico" In: *ReVEL*, vo. 9, no. 17. 2011.

PEDROSO, S. F. *A Carga Cultural Compartilhada: a passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp. 1999.

PINKER, S. *Do que é feito o pensamento: a língua como janela para a natureza humana*. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.

SOUTO MAIOR, M. *Dicionário do Palavrão e termos afins*. Recife: Guararapes. 1980.

VERÍSSIMO, L.F. "Direitos Humanos". In: *Comédias para se Ler na Escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

WIERZBICKA, A. *Cross-cultural Pragmatics: the semantics of human interaction*. Berlin: Mouton de Gruyter. 1991.

